A PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DE PEDAGOGIA COMO ESTAGIÁRIOS DE INCLUSÃO

Joziane Menezes da Costa Mesquita

Universidade Estadual do Ceará, Nome do CED/Curso de Pedagogia,

e-mail: joziane.costa@aluno.uece.br

Introdução

O presente trabalho de pesquisa apresenta uma análise da percepção dos discentes de pedagogia como estagiários de inclusão. O interesse de investigar esse objeto de estudo surgiu a partir da nossa percepção e experiências como estudantes de pedagogia, vivenciando esse momento tão significativo que é a inclusão nas escolas e sua alta demanda, que envolve os estudantes de pedagogia como agentes provedores de inclusão, mesmo sem experiência. O objetivo da pesquisa é investigar e compreender qual a percepção dos estudantes de pedagogia diante do estágio de inclusão. Atualmente, o estágio nessa área recebe vários termos, como agente de inclusão, acompanhante de pessoas com deficiência (PCD), monitor de inclusão, itinerantes e assistente de inclusão. Levando em consideração que esses são estudantes em formação e muitos desses estagiários não têm nenhuma experiência nessa área, iniciaram seus estágios não obrigatórios e remunerados como assistentes de inclusão, pois a demanda é muito grande diante das novas normas que ampliam a educação inclusiva. A questão mais complexa é que os estudantes de pedagogia não têm a formação adequada, pois, conforme a LBI, Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão), os profissionais de apoio escolar que atuam na inclusão devem adaptar o currículo, os materiais e as metodologias de ensino para atender às necessidades dos alunos de inclusão. Essa pesquisa de campo caracteriza-se como qualitativa, tendo sido realizada por meio de uma entrevista semiestruturada composta por 10 perguntas, divididas em cinco categorias, aplicada a dois estudantes de pedagogia que atuam como estagiários na área de inclusão. E, para fundamentação teórica, analisamos dois artigos acadêmicos que abordam a mesma temática. Início do texto.

Metodologia

A pesquisa, do tipo qualitativa, apresenta duas entrevistas semiestruturadas contendo 10 perguntas, com dois estagiários que atuam no estágio de inclusão no ensino fundamental I , sendo um estagiário na escola pública e o outro estagiário em escola privada, as perguntas foram separadas em cinco categorias denominadas:

perfil formativo (semestre e tempo de experiência); quem atende (perfil do aluno) quais as funções; práticas pedagógicas voltadas para inclusão da escola (repassadas para os estagiários), e como é feito essas práticas; risco e danos (os desafios enfrentados na execução do estágio); crises, lesões físicas), sem o suporte da escola; percepção dos 2 estagiários (discentes do curso de pedagogia). Para a fundamentação teórica, busquei dois artigos pela plataforma Google Acadêmico e ocorreu no mês de junho de 2025. Fizemos duas buscas, uma onde utilizamos as palavras-chave: “Discentes de pedagogia”. “Estagiários”. “Estágio”. E em outra pesquisa utilizamos as palavras-chave: “Inclusão escolar”. “Estágio de inclusão”. “Experiências em estágio de inclusão “. Os assuntos abordados nos artigos nos permitiram estabelecer relações com os resultados obtidos e as temáticas abordadas nos artigos científicos, o que, consequentemente, contribui para uma boa discussão sobre a temática abordada na pesquisa. Início do texto.

Resultados e discussão

O estágio não obrigatório é uma atividade opcional que o estudante pode realizar, é uma oportunidade de aprendizado prático e complementar à formação acadêmica, previsto no projeto pedagógico do curso e podendo ou não ser remunerado, atualmente os discentes de pedagogia tem se deparado com estágios exclusivamente na inclusão de alunos com deficiência ou com dificuldades significativas de aprendizado ou seja a maioria das oportunidades de estágio para discentes de pedagogia, não é um estágio voltado para as práticas pedagógicas da sala de aula e sim um estágio voltado para práticas inclusivas. Seguindo a ordem em que foram apresentadas as categorias, em relação ao perfil formativo e o tempo de experiência foi possível observar que um dos estagiários está cursando o 4° semestre de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC) e tem um ano de experiência como estagiário voluntário em um projeto de acompanhamento na rede pública (não remunerado), já o estagiário 2, está cursando o 5° semestre de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e tem quase um ano de experiência como assistente de inclusão em uma instituição privada, já em relação às funções e práticas pedagógicas os estagiários destacaram o apoio pedagógico (adaptação de atividades), suporte emocional, promoção da autonomia, mediação de conflito (crises de agressividade) e colaboração na organização para que o ambiente se torne acessível e inclusivo, os estagiários acreditam que as dificuldades para execução das práticas pedagógicas de inclusão ocorrem pela falta de formação adequada para lidar com alunos que precisam de um acompanhamento individualizado que exige conhecimentos específicos.

Ambos os estagiários percebem que essa dificuldades da falta de formação, se dar também pela falta de apoio e suporte por parte das instituições de ensino, porém existe uma diferenciação entre as funções dos estagiários, o estagiário que está na escola pública relatou que uma das suas funções como estagiário é acompanhar mais de um aluno com necessidades específicas, pois existe um rodízio (volante) ou seja o estagiários tem que auxiliar vários alunos de inclusão nas salas de aula, durante a rotina no estágio e fica responsável pelos cuidados de higiene desses alunos, já o estagiário da escola privada Início do texto.

acompanha somente um aluno, ou seja, cada aluno com necessidades específicas têm um estagiário para acompanhá-lo individualmente. Os estagiários atendem alunos com transtornos globais do desenvolvimento, como transtorno espectro autista, TDAH (Transtorno com déficit atenção e hiperatividade), TOD (Transtorno desafiador do opositor) e Esquizofrenia infantil, ambos os estagiários têm a função de manter os alunos em sala de aula, adaptar as atividades, cuidados com a higiene pessoal do aluno (acompanha no banheiro, trocar fralda,e alimentação) e gerenciamento das crises, os estagiários relataram que tem que mediar conflitos causados pela desorganização emocional e sensorial dos alunos que muitas vezes ocorrem momentos de lesão (aluno lesiona o estagiário) com mordidas, chutes, puxões de cabelo, empurrões e tapas, os estagiários destacam que nesses momentos de crises tiveram danos materiais como por exemplo celular, óculos de grau e garrafas térmicas quebrados, roupas rasgadas e a auto lesão (o aluno lesiona a si mesmo) e os estagiários devem contê-los fisicamente (contenção) para evitar que os alunos se machuquem ou lesione os outros alunos. A percepção de ambos os estagiários em relação ao estágio de inclusão e que a escola não dar o suporte necessário para a formação dos estagiários, os estagiários falaram que tanto a escola pública como a escola privada existe a falta de apoio por parte dos professores que também se queixam da falta de conhecimento sobre práticas inclusivas, da falta de formação continuada na perspectiva da inclusão de alunos com necessidades específicas, além disso a coordenação pedagógicas faz todas exigências aos estagiários impondo todas a funções citadas mesmo sem passar nenhum tipo de informação mais aprofundado das dificuldades dos alunos de inclusão. Contudo, ainda no que se refere às escolas em relação ao suporte aos estagiários, foi possível observar uma diferença entre os dois estagiários , uma vez que um está em uma escola pública e além da falta de formação suficiente para atender as demandas dos alunos de inclusão, a escola pública não oferece uma boa estrutura com salas de recurso pedagógicos e não oferece espaço para regulação emocional dos alunos, ou seja o estagiário da escola pública tem que gerenciar as crises de forma exposta na presença dos demais alunos e não tem acesso a outros profissionais de apoio pedagógico como por exemplo psicopedagogos e psicólogos . já o outro estagiário que atua no estágio de inclusão na escola privada tem acesso a outros profissionais de apoio pedagógico mesmo percebendo que essa equipe pedagógica também tem dificuldades de lidar com a rotina e demanda dos alunos com necessidades específicas.

Conclusões

Em virtude dos resultados obtidos, concluí que o direcionamento dos estagiários de pedagogia para as práticas de inclusão é bastante prejudicial tanto para os estagiários de inclusão, quanto para os alunos com necessidades especiais. Tendo em vista que esses futuros pedagogos são inseridos no estágio de inclusão sem a devida formação e suporte necessário da instituição de ensino. Além de que, como pode ser observado durante a pesquisa qualitativa, os relatos dos estagiários entrevistado revela não apenas a sobrecarga e o despreparo enfrentados, mas também as desigualdades estruturais entre os dois contextos. Enquanto o estagiário da rede pública precisa atender mais de um aluno com recursos limitados e sem apoio técnico, o da rede privada, embora também enfrente desafios, ele conta com o apoio da equipe pedagógica mesmo que essa equipe também tenha dificuldade de lidar com a rotina e a demanda desses alunos, e esse estagiário acompanha apenas um aluno, o que facilita o papel desse futuro pedagogo numa área na qual ele não teve o devido preparo. Em ambos os casos, os estagiários assumem responsabilidades complexas, que envolvem desde o apoio pedagógico e emocional até cuidados pessoais e contenção física Início do texto.

Palavras-Chave: Discentes de pedagogia. Estagiários. Inclusão.

Referências Bibliográficas

LEITE, Lucas de Souza; FREITAS, Marcone Henrique de. Educação e inclusão na perspectiva dos(as) estagiários(as) da Prefeitura Municipal de Vitória-ES (PMV). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, [s.d.]. Trabalho apresentado no eixo temático: Atendimento Educacional Especializado.

SILVA, Ana Karolina Nascimento da. As experiências vivenciadas por estagiários/as da educação inclusiva na Escola Sebastião José Bezerra, da localidade de Outeiro 2, Redenção (CE). 2024. Projeto de Pesquisa (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 202